



Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

**NOVOS USOS DA MARCAÇÃO DOS GÊNEROS E SEUS EFEITOS
IDEOLÓGICOS NOS DOMÍNIOS DISCURSIVOS PUBLICITÁRIO E
JORNALÍSTICO: E AGORA REVISOR?**

Ana Clara de Medeiros Araújo¹

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar os novos usos da marcação dos gêneros e seus efeitos ideológicos nos domínios discursivos publicitário e jornalístico, os quais têm se tornado frequentes, principalmente na internet. Nesse contexto, o revisor encontra o desafio de adequação do texto, em conformidade com o objetivo do autor. Para isso, foram realizadas pesquisas em redes sociais e publicações *online* e consultas a teóricos da Linguística, da Publicidade e da Sociologia. Com o conhecimento sobre esses novos usos, o revisor é capaz de compreender o contexto de seu uso e trabalhar com o texto de maneira satisfatória.

Palavras-chave: Marcação de gênero. Novos usos. Domínio discursivo jornalístico. Domínio discursivo publicitário.

¹ Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Texto, sob orientação da Prof. Dra. Edineide dos Santos Silva.

1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa tem dois gêneros: masculino e feminino. Não contamos com o gênero neutro em nossa língua, como existe em outras, como o alemão.

Atualmente, com a inclusão da comunidade de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros (LGBT) e debates sobre questões de gênero, identidade e feminismo, muitas pessoas não se sentem confortáveis com a forma com que a sociedade em geral encara a variedade de gêneros.

Isso é refletido também na língua, com o que a gramática considera “neutro” ou “não marcado” como gênero. Várias instituições, empresas e órgãos públicos, preocupados com essa questão, passaram a refletir e tentar adotar o que esses grupos chamam de “linguagem neutra”.

Essa questão gera debates entre revisores que já se depararam com a questão. Afinal, a gramática normativa da língua portuguesa preconiza que masculino e neutro são representados da mesma forma.

Os objetivos deste trabalho são apresentar esses novos usos de marcação de gênero nos domínios discursivos publicitário e jornalístico, observar o que a Linguística tem a dizer sobre essa mudança e qual é a motivação social para esse uso.

Para isso serão utilizados alguns exemplos retirados de páginas virtuais de jornais e de redes sociais e citações de teóricos da área da linguística, gramática, publicidade e sociologia.

Dessa forma, o revisor de texto pode analisar o contexto, compreender a motivação de quem o escreveu e fazer as adequações necessárias respeitando a escolha ideológica do autor quanto à marcação de gêneros.

2 DOMÍNIO DISCURSIVO PUBLICITÁRIO E JORNALÍSTICO

Delimitaremos este artigo ao domínio discursivo publicitário e jornalístico, com textos disponíveis na Internet, especialmente no Facebook, por ter sido esse o suporte que gerou a inquietação que deu a origem a este trabalho.

Trabalhando em textos da página do Facebook do Conselho Federal de Psicologia foi possível, pela primeira vez, observar e orientar, como revisora, a escolha por uma ou outra marcação.

A discussão social e política a respeito de identidade de gêneros na atualidade está relacionada com o caráter multidisciplinar do que Luiz Antônio Marcuschi (2008, p. 149) chama de “estudo de gêneros textuais”:

(...) a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral. O trato dos gêneros diz respeito ao trato da língua em seu cotidiano nas mais diversas formas. E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma “forma de ação social”. Eles são um “artefato cultural” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade.

Dessa forma, quando o texto aponta essa mudança na forma de pensar gênero social/biológico, ele está refletindo uma ação cultural da sociedade.

O domínio discursivo publicitário é terreno fértil para essa questão de mudança cultural e de valores por meio da língua. De acordo com Nelly de Carvalho (2000, p.13): “(...) a publicidade impõe, nas linhas e entrelinhas, valores, mitos, ideais e outras elaborações simbólicas, utilizando os recursos próprios da língua que lhe serve de veículo, sejam eles fonéticos, léxico-semânticos ou morfossintáticos”. A autora destaca ainda o poder dos recursos linguísticos “de influenciar e orientar as percepções e pensamentos, ou seja, o modo de estar no mundo e de vivê-lo, podendo permitir ou vetar determinados conhecimentos e experiências”. (CARVALHO, 2000, p.19)

3 O X DA QUESTÃO

3.1 A gramática

Bechara, em sua *Moderna Gramática Portuguesa* (2009), explica que um substantivo pode ter flexão de número, mas uma *marca* de gênero por derivação. Assim, em *lobo*, o *-o* seria o tema da palavra, sem marca de gênero, com radical *lob-*, enquanto *loba* seria uma outra palavra, derivada de *lobo*, com uma marca de gênero para designar o indivíduo fêmea da mesma espécie. O autor cita Herculano de Carvalho para mostrar a diferença entre a flexão de gênero nos adjetivos, artigos, pronomes, etc., e a derivação nos substantivos para designar indivíduos machos e fêmeas da mesma espécie.

Só que esta determinação genérica não se manifesta no substantivo da mesma maneira que está representada no adjetivo ou no pronome, por exemplo, isto é, pelo processo da flexão. Apesar de haver substantivos em que aparentemente se manifeste a distinção genérica pela flexão (menino / menina, mestre / mestra, gato / gata), a verdade é que a inclusão num ou noutro gênero depende direta e essencialmente da classe léxica dos substantivos e, como diz Herculano de Carvalho, “não é o fato de em português existirem duas palavras diferentes – homem / mulher, pai / mãe, boi / vaca, e ainda filho / filha, lobo / loba (das quais estas não são formas de uma flexão, mas palavras diferentes tanto como aquelas) – para significar o indivíduo macho e o indivíduo fêmea (duas espécies do mesmo “gênero”, em sentido lógico) que permite afirmar a existência das classes do masculino e do feminino, mas, sim, o fato de o adjetivo, o artigo, o pronome, etc., se apresentarem sob duas formas diversas exigidas respectivamente por cada um dos termos de aqueles pares opostos –, “este homem velho” / “esta mulher velha”, “o filho mais novo” / “a filha mais nova” –, formas que de fato constituem uma flexão” [HCv.1, v.9 s.v. gênero]. (BECHARA, 2009, p. 132)

Mattoso Câmara Jr. (1970, p.84) explica, sobre a flexão de gênero no português, que existe uma oposição entre a forma masculina e a feminina, e que esta tem, como marca do feminino, o sufixo flexional ou desinência *-a*. “[...] o masculino e o singular se caracterizam pela ausência das marcas de feminino e de plural, respectivamente, como *peru*, masculino singular; *perus*, masculino plural; *perua*, feminino singular [...]. Em outros termos, pode-se dizer que ambos são assinalados por um morfema gramatical zero (Ø)”.

O linguista discorre, ainda, sobre a confusão feita por algumas gramáticas tradicionais e escolares a respeito da flexão de gênero:

Em primeiro lugar, em virtude de uma incompreensão semântica da sua natureza. Costuma ser associada intimamente ao sexo dos seres. [...] o gênero abrange todos os nomes substantivos portugueses, quer se refiram a seres animais, providos de sexo, quer designem apenas “coisas” [...]. O mais que podemos dizer, porém, em referência ao gênero, do ponto de vista semântico, é que o masculino é uma forma geral, não-marcada, e o feminino indica uma especialização qualquer (*jarra* é uma espécie de “jarro”, *barca* um tipo especial de “barco”, como *ursa* é a fêmea do animal chamado *urso*, e menina uma mulher em crescimento na idade dos seres humanos denominados como a de “menino”). (CÂMARA Jr. 1970, p.88)

Gisela Collischonn e Luiz Carlos Schwindt explicam didaticamente que, de acordo com a linguística:

Num sistema de dois gêneros, como o do português, em geral, um dos gêneros é não marcado. Isto significa que é usado como forma coringa; por exemplo, nas locuções verbais, usamos a forma masculina do particípio (“ela tinha comprado”). O masculino é também usado como o termo genérico, que engloba os dois gêneros. [...] Em outras palavras: o uso de uma língua, apesar de voluntário, está sujeito a princípios mais gerais, que não são tão trivialmente controláveis por seus falantes, como muitos supõem. Propriedades gramaticais como gênero, por exemplo, mudam muito pouco. Esforços externos para mudar uma forma de falar podem ter sucesso eventualmente na substituição de uma ou outra palavra, como aconteceu por exemplo com “afrodescendente” e “pessoa com deficiência”, mas não são efetivos para mudar a estrutura de uma língua. (COLLISCHONN; SCHWINDT, 2015)

Assim, entendemos que, de acordo com os gramáticos, não existe um problema na marcação de gênero, já que o que se entende como forma masculina é, na verdade, uma forma neutra, sem marcação, que coincide com a forma masculina.

3.2 O questionamento

Recentemente temos vivido o que alguns jornais chamam de primavera feminista²

² Primavera feminista no Brasil: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/13/opinion/1447369533_406426.html
Primavera feminista: o lugar da mulher é na política: <http://www.cartacapital.com.br/sociedade/primavera-feminista-o-lugar-da-mulher-e-na-politica-8213.html>

As mulheres vêm de um processo de emancipação e luta por direitos há décadas. Atualmente, encontraram um espaço para discussão, união, manifestação e divulgação de informações na Internet e nas redes sociais³. Esses são, portanto, espaços favoráveis ao questionamento e discussão sobre a questão de gênero na língua. Por que, quando se trata de pluralidade, homens e mulheres, prevaleceria a marca de gênero utilizada para se referir ao gênero masculino? Por que o neutro/padrão é masculino?

O questionamento também existe em grupos LGBT. Esses questionadores acreditam que o binarismo existente na língua não dá conta da pluralidade e diversidade de gênero humano.

Berenice Bento (2003), em sua tese de doutorado *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*, explica que “identidade de gênero não é uma essência que adquire visibilidade pelos atos; ao contrário, são os atos, linguísticos e corporais que darão vida aos sujeitos generificados” (BENTO, 2003, p. 203). Para ela, a constituição de identidades sociais é um ato de poder, já que suas unidades são “construídas no interior do jogo do poder e da exclusão; [...] resultado não de uma totalidade natural inevitável ou primordial, mas de um processo de fechamento, de produção e de reprodução de margens, delimitadas por fronteiras discursivamente intransponíveis” (p. 204).

O próprio termo “transexual” é questionado por essas pessoas, que acreditam que a diversidade de vivências não pode ser “etiquetada”, e é um debate sem solução definitiva. Em seu estudo, Bento (2003, p. 219) afirma que a “pluralidade de experiências de vida e de respostas para os conflitos existentes para a relação entre corpo, identidade de gênero e sexualidade se refletem na hora de se tentar encontrar um termo que feche, cristalize e substancialize suas histórias”. “Dentro do que se nomeia ‘transexual’, há uma considerável pluralidade de articulação dos níveis constitutivos das posições dos sujeitos” (BENTO, 2003, p. 227).

Eric Seger de Carvalho, bolsista do Núcleo de Pesquisa sobre Sexualidade e Relações de Gênero (Nupsex) da UFRGS e membro do Instituto

³ <http://thinkolga.com/> e <https://www.facebook.com/movimentovamosjuntas/>

Brasileiro de Transmasculinidade (Ibrat), explica, de maneira resumida, essa complexa questão sobre identidade de gênero, em matéria para o Jornal Zero Hora⁴:

[...] identidade de gênero tem muito mais a ver com a maneira como a pessoa se vê do que com o órgão genital que possui no meio das pernas. A partir daí, se utilizam dois termos: transgênero (pessoa que não se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento) e cisgênero (pessoa que se identifica com as características do gênero designado a ela no nascimento). [...] Identidade de gênero não tem nada a ver com orientação sexual. Há quem se identifique com o gênero feminino e se sinta atraída por pessoas que também se identificam com o gênero feminino e pessoas que se identificam com o gênero feminino e, ao contrário, se sentem atraídas por pessoas que se identificam com o gênero masculino – ou seja, identidade de gênero semelhante e orientação sexual totalmente diferente.

E ainda, sobre identidade não-binária:

Existem as identidades não-binárias, que não se sentem confortáveis em uma divisão entre gênero masculino e gênero feminino. Talvez não se importem com isso, talvez se sintam atraídas por pessoas independentemente de identidade de gênero. O que for. A isso, costuma-se denominar identidade não-binária. [...] Há especificidades em cada termo, há quem não goste de ser posto em uma caixinha com uma palavra, há os intersexuais (pessoas cuja anatomia não se encaixa no padrão macho/fêmea, o que um dia se chamou hermafrodita) e há quem não se identifique com nenhum desses termos e prefira utilizar outros.

Uma pessoa famosa que se define como não-binária é Liniker Barros, que compõe músicas e é vocalista numa banda de música brasileira (Liniker e os Caramelows), e não se define como homem ou mulher. Em entrevista disponível em seu canal do YouTube⁵, JoutJout entrevista Liniker após sentir dificuldade no uso de pronomes, artigos e substantivos para se referir a essa artista “porque a língua portuguesa não permite essa soltura toda”, nas palavras da *youtuber*. A esse problema, Liniker sugere que JoutJout equilibre o uso de masculino e feminino nas frases.

⁴ “Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual”, disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-os-termos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html>

⁵ Vamos Contribuir (partir de 6:28): <https://www.youtube.com/watch?v=bcs304dK4ts>

Bento (2003) cita também em sua tese o fotógrafo *drag king* Del LaGrace Volcano, que se define como um “terrorista de gênero”: alguém que conscientemente e intencionalmente subverte, desestabiliza e desafia o sistema de gênero binário, já que ele não funciona para todos. Ele realizou uma conferência na Espanha em maio de 2002 em que a tradutora (do inglês para o espanhol) “referia-se a Del LaGrace indistintamente no feminino e no masculino, a pedido do próprio conferencista. Essa é uma estratégia discursiva que objetiva produzir confusões (e a confusão, neste caso, é interpretada enquanto resistência discursiva) com os gêneros gramaticais” (BENTO, 2003, p. 82).

Como explicar a emergência de movimentos e de identidades contingentes que têm a pluralidade e o trânsito entre os gêneros como princípio, que se fundamentam não na ambiguidade, mas na pluralidade? A pergunta que se pode fazer para aqueles/as que usam a essência, entendida como alguma coisa que todas as/os mulheres/homens (e só elas/eles) têm e que possibilita criar laços identitários é: como entender os processos de organização das subjetividades, das performances de gênero e das sexualidades dos/as transexuais e suas reivindicações de serem reconhecidos/as como membros do gênero escolhido, se não compartilham nenhuma essência com os homens e as mulheres biológicas? (BENTO, 2003, p. 83)

Para tentar resolver essa questão, alguns coletivos, grupos de internet e até publicitários e jornalistas passaram a usar o X ou a @ em substituição ao “a” e “o” final em substantivos, adjetivos, artigos e pronomes. Esse uso é exemplificado, a seguir, com os dados 1, 2, 3 e 4.

Dado 1: Dia d@ Psicólog@

Conselho Federal de Psicologia
Publicado por Maria Mello [?]
Página curtida · 27 de agosto · Editado ·

Hoje é 27 de agosto!

Em 1962, a profissão era regulamentada pela Lei 4.119/62, que "dispõe sobre os cursos de formação em Psicologia e regulamenta profissão de psicólogo". Desde o ano passado, a data é oficialmente comemorada como Dia Nacional do (a) Psicólogo (a).

E hoje também é o último dia de votação para as eleições do CFP e CRPs, um exemplo do processo crescente de aprimoramento da participação democrática da categoria no Sistema Conselhos ao longo destes 54 anos.

Em agosto de 2015, o atual Plenário do CFP promovia duas ações importantes e definitivas em torno da data: lançava o #OrientaPsi como a principal plataforma interativa de orientação e promoção do trabalho das e dos psicólogos e inaugurava a Sala das Entidades da Psicologia Brasileira, equipada com infraestrutura para acolher demandas diversas, como reuniões e pequenos eventos, de associações de todo o país.

Viva toda a diversidade e todas as cores que nossa ciência e nossa profissão comportam!

Escreva um comentário...

Fonte:

<https://www.facebook.com/conselhofederaldepsicologia/photos/a.199479646750568.49681.186113144753885/1255635807801608/?type=3&theater>

Dado 2: Bem-vindX

29/06/2016 @ 02:00 OUVIR O TEXTO ... Compartilhar

Bem-vindX

POR GAYS & AFINS

Bem-vindX ao novo blog LGBT da **Folha**. Se o xis na saudação aqui no começo causou estranhamento, calma. O diferente é seu amigo. No caso, o X é um índice de indeterminação de gênero: entra onde estaria um “a” ou um “o” para abarcar todo mundo –inclusive quem não se considera “a” ou “o”.

E ele é só uma letra no meio de outras tantas que vão pintar por aqui: Lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis, transgêneros e agêneros são bem-vindXs a contribuir com seus pensamentos em texto, foto ou vídeo. É só escrever para gayseafins@gmail.com que a gente conversa, a gente se entende.

Além de ser um canal de diálogo, a página será um canal de notícias. Vai trazer entrevistas com artistas, ativistas e políticos, como o deputado federal Marco Feliciano (PSC – SP), que empreende uma saga contra a igualdade de direitos no Congresso, e estreia o blog afirmando: “Podemos não concordar com atos, mas nunca discriminamos pessoas”.

Duas vezes por semana, o “Gays & Afins” também trará reportagens sobre mercado, comportamento, noite, preconceito e qualquer assunto que valha a notícia. Falaremos também sobre frivolidades, como a última moda –usar moletom sem cueca na rua, parece que tá usando bem agora. Aqui, só a intolerância é proibida.

Por fim, vale fazer uma justa homenagem. O blog segue a trilha aberta por Vitor Angelo, jornalista e cineasta que comandou o “Blogay” da **Folha** de 2010 a 2015, ano de sua morte.

Vitor lutava na literatura: compilou a “Aurélia”, primeiro dicionário de termos LGBT do país. Vitor lutava na TV: iria dirigir o primeiro programa da TV aberta que seria apresentado por uma transexual, uma lésbica e um gay. Vitor lutava até na academia: da última vez que trombei com ele, me estendeu um abaixo-assinado para que fosse instalada internet wifi na sala de ginástica –“O fervero é luta e vice-versa”, ele disse então.

À luta. Ao fervero.

Fonte: <http://gayseafins.blogfolha.uol.com.br/2016/06/29/bem-vindx/>

Dado 3Alunxs de saia

educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2016/10/10/alunxs-de-saia-ou-de-calca-de-brim-tanto-faz-sejam-bem-vindx-a-escola.htm

Alunxs de saia ou de calça de brim (tanto faz), sejam bem vindxs à escola!

 **Guilherme Perez Cabral**
10/10/2016 | 06h00 [Leia todos os artigos](#)

      Ouvir texto  Imprimir  Comunicar erro

No Colégio Pedro II, tradicional instituição federal de educação básica, sediada no Rio de Janeiro, os alunos (crianças e adolescentes) devem comparecer às aulas uniformizados.

As regras sobre o uniforme escolar foram alteradas recentemente. Se, nas normas anteriores, eram enumerados, em quadros separados, o que veste um menino e o que veste uma menina, a nova Portaria (nº 2.449/2016) coloca tudo num quadro só. E prevê, dentre outros itens que compõem o uniforme, "Calça de brim azul ou saia de seis machos de tergal/gabardine azul marinho".

O que extraio disso? Nada demais. Apenas que o uso de saia ou de calça não é mais determinado pelo órgão genital dx alunx. Algo do tipo: se tem vagina, saia de seis machos de tergal. Se tem pênis, calça de brim.

Reprodução/Facebook



Meninos do Colégio Pedro 2º, que é federal, usaram saias durante protesto

Fonte: <http://educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2016/10/10/alunxs-de-saia-ou-de-calca-de-brim-tanto-faz-sejam-bem-vindx-a-escola.htm>

Dado 4: A culpa não é nossa

www.vermelho.org.br/noticia/287144-1

23 de setembro de 2016 - 13h24

Lucia Rincon: Não, a culpa não é nossa

Mais uma estatística escancara à sociedade a violência e a opressão a que nós mulheres estamos submetidas cotidianamente, posto que 85% das mulheres entrevistadas pelo Instituto Datafolha declararam sentir-se inseguras andando pela rua.

Por Lucia Rincon*, especial para o Vermelho

Foto: Tomaz Silva/Agência Brasil



"Não, a culpa não é nossa"

A diferença biológica recebe qualificações e valorações conforme os critérios ditados pelo patriarcado que indicam ao macho ignorar a identidade de ser humano do corpo fêmea que está à sua frente. A violência e a ofensividade devem ser características valorizadas no mundo que exige a disputa e a concorrência como traços de uma identidade vitoriosa. O que vale ao macho é vencer, dominar.

Não são estes os valores exigidos ao mundo das mulheres. A compreensão, a parcimônia, a escuta, os sentimentos, os sofrimentos, é que são parâmetros para as relações sociais. Servir, acolher, cuidar, compreender, são as máximas valorizadas pelo patriarcado. É nesta forja que homens e mulheres somos **formatad@s**. E a referida pesquisa mostra isso mais uma vez.

Tão naturalizada é a cultura do estupro que a sua força se promove às custas de sua própria negação – dado revelado pela pesquisa do Instituto Datafolha que indica o fato alarmante de **um@** entre cada três **brasileir@s** acreditar que, nos casos de estupro, a responsabilidade é da mulher por "não se dar o respeito". Há uma clara tendência de negar a cultura do estupro e de torná-la invisível — negando, assim, que o estupro é um artifício de controle disponível no imaginário masculino operacionalizado de várias maneiras com o desfecho, na maioria delas

Fonte: <http://www.vermelho.org.br/noticia/287144-1>

Também foram encontrados dados dessa substituição no Uruguai, conforme Dado 5, abaixo.

Dado 5: Muro localizado em Maldonado, Uruguai



“Tocan a unx tocan a todxs. Libertad imediata a lxs 7 compañerxs secuestradx por el estado terrorista español. Presxs a la calle.” Fonte: <https://pt-contrainfo.espiv.net/2015/01/11/maldonado-uruguay-mural-solidario-com-xs-compas-sequestradx-pelo-estado-espanhol/>

O problema com essa escolha é que o texto não tem leitura. O que parece uma solução na escrita, não é resolvido na fala. Além disso, não é inclusiva: leitores de textos para cegos não conseguem ler nem “meninxs” nem “menin@s”, e pessoas com dislexia têm uma dificuldade extra com esse tipo de

texto⁶. É sobre esse assunto que trata o artigo de Juno, “Deixando o X para trás na linguagem neutra de gênero”⁷. Juno, pessoa não-binária, sugere que a melhor maneira de tornar a linguagem neutra para gêneros envolve uma série de modificações que envolvem substituir termos com gêneros marcados diretamente, suprimir ou substituir pronomes pelo nome, suprimir artigos e modificar a estrutura verbal da frase. Essa sugestão de Juno será retomada mais adiante.

3.3 Conselho Federal de Psicologia

No Conselho Federal de Psicologia (CFP), esse problema foi mais perceptível quando transformamos uma seção do jornal institucional chamada “Fala, Psicólog@” em um programa da rádio institucional. Enquanto a seção era apenas escrita, a forma “psicólog@” era, além de uma forma “neutra” do substantivo usado para designar a profissão de Psicologia, uma maneira de mostrar interação com os psicólogos, uma troca de informações. Com a palavra falada/ouvida, perdeu-se o símbolo da @. A locutora da rádio acabou optando pelo tradicional “psicólogo”⁸.

Há pelo menos 5 anos, existe uma preocupação com a questão da neutralidade da linguagem no CFP, já que a Psicologia trata de questões de sexualidades, machismo e sociedade. Além disso, a categoria de profissionais de Psicologia é composta por 88% de profissionais mulheres, de acordo com a publicação “Quem é a Psicóloga Brasileira?” lançada em 2013 pelo Conselho. É uma preocupação de grupos de diferentes diretorias e grupos políticos que assumiram o cargo desde então.

Atualmente, o padrão para publicações escritas lançadas pelo CFP é usar primeiramente o substantivo feminino, com a opção masculina entre parênteses depois: psicólogas(os).

⁶ JUNO, 2014. Disponível em <https://partidopirata.org/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero-por-juno/>

⁷ Originalmente disponível em <https://naobinario.wordpress.com/2014/11/01/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero/> atualmente disponível em <https://partidopirata.org/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero-por-juno/>

⁸ Disponível em: <http://site.cfp.org.br/multimedia/radiopsi/>

4 OUTRAS POSSIBILIDADES

Com as críticas à substituição da marcação de gênero por X ou @, surgiram novas tentativas de solucionar o problema.

Uma delas é o uso de (as) ou /as após a palavra. Há quem diga que, nessa alternativa, a marcação feminina continua preterida. Assim, alguns escritores alternam o gênero da primeira palavra, outros preferem escrever as versões masculinas e femininas por extenso.

É o que sugere o “Manual para uso não sexista da Linguagem”, publicado pelo Governo do Estado do Rio Grande do Sul em 2014.

A equidade de gênero na linguagem só será garantida a partir do momento em que se repensar a forma como o tema é tratado nos ambientes educacionais, hoje disseminadores da dominação masculina nos discursos, principalmente quando não identificado o sexo da pessoa a quem se refere. Utilizando o feminino e o masculino para tratarmos de grupos mistos estaremos ampliando a visibilidade das mulheres em todas as esferas sociais, publicizando a participação feminina que sempre existiu na construção histórica do estado e do país, mas nem sempre destacada. Com discursos e documentos oficiais do Governo que incluam expressões no feminino, garantiremos a maior visibilidade das mulheres e caminharemos rumo à mudança cultural e social tão necessária em nosso Estado. (p. 13)

Essa questão da visibilidade das mulheres pode ser exemplificada pela escolha do uso da palavra “presidenta” (substantivo feminino) em vez de “presidente” (substantivo comum-de-dois-gêneros) no período do mandato da ex-Presidenta da República Dilma Roussef. O uso de –a em presidenta e a preferência por essa palavra é uma marcação ideológica e de empoderamento feminino no Brasil, um país patriarcal e machista.

Aqui é interessante lembrar o que Fairclough (2001, p.117) afirma sobre ideologia e discurso:

Entendo que as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção ou a transformação das relações de dominação. [...] determinados usos da linguagem e de outras “formas simbólicas” são ideológicos, isto é, os que servem, em

circunstâncias específicas, para estabelecer ou manter as relações de dominação. As ideologias embutidas nas práticas discursivas são muito eficazes quando se tornam naturalizadas e atingem o *status* de “senso comum”

E ainda: “As ideologias produzidas nas convenções podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, e as pessoas podem achar difícil compreender que suas práticas normais poderiam ter investimentos ideológicos específicos.” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 120)

Outra alternativa à substituição de marcadores de gênero é o uso, sempre que possível, de palavras que não expressem o gênero dos envolvidos, conforme sugerido em artigo de Juno citado anteriormente. Algumas sugestões e exemplos feitos pelo autor são: substituir palavras que tenham o gênero marcado diretamente por outras consideradas mais neutras, como “todas” ou “ela” por “pessoa” ou “indivíduo” (Aqueles que ganharam estão liberadas para ir > Quem ganhou pode ir / Aquelas pessoas que ganharam estão liberadas para ir); supressão de artigos e pronomes ou repetição do nome (A Ariel estava aqui ontem e desde então ela foi embora > Ariel estava aqui ontem e desde então Ariel foi embora / e desde então foi embora); mudar a estrutura dos verbos na frase (Você é muito requisitada? > Te requisitam muito?; Você está linda > Você está uma pessoa linda / Que lindeza você está / Sua roupa está linda / Seu corpo é lindo).

Na Suécia, essa questão foi tão importante que criaram um novo pronome, de gênero neutro, para a língua⁹. No idioma escandinavo, já existia o pronome masculino “han” e o feminino “hon”. A eles, foi adicionado o pronome “hen”. “A nova terminologia vai se referir às pessoas que não revelam seu gênero – seja porque é desconhecido, ou porque a pessoa é transgênero ou o locutor considera o gênero uma informação superficial para compreensão do texto”, de acordo com matéria da Revista Fórum de 2015. O termo já era utilizado pela comunidade trans sueca desde 1960, e agora está dicionarizado e é encontrado em livros, jornais e documentos oficiais.

De acordo com Fairclough (2001, p. 128),

⁹ “Suécia cria pronome de gênero neutro, para além do ‘ele’ e ‘ela’”, disponível em <http://www.revistaforum.com.br/2015/03/26/suecia-cria-pronome-de-genero-neutro-para-alem-do-ele-e-ela/>

Os próprios eventos discursivos têm efeitos cumulativos sobre as contradições sociais e sobre as lutas ao seu redor. Assim, para resumir, os processos sociocognitivos serão ou não inovadores e contribuirão ou não para a mudança discursiva, dependendo da natureza da prática social. [...] À medida que uma tendência particular de mudança discursiva se estabelece e se torna solidificada em uma nova convenção emergente, o que é percebido pelos intérpretes, num primeiro momento, como textos estilisticamente contraditórios perde o efeito de “colcha de retalhos”, passando a ser considerado “inteiro”. Tal processo de naturalização é essencial para estabelecer novas hegemonias na esfera do discurso.

O discurso influencia e é influenciado pela sociedade e suas questões e lutas. O que estamos observando é uma mudança discursiva, que a princípio causa estranheza, diretamente relacionada à luta de minorias para serem reconhecidas e terem voz ativa em nossa sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A língua faz parte e está inserida num contexto cultural, social e histórico. O processo de mudança é natural, e parte de seus falantes. É possível que estejamos testemunhando algum tipo de mudança na questão dos marcadores de gênero em nossa língua, pelo menos, na modalidade escrita.

Este trabalho buscou registrar e documentar, por meio de dados retirados de textos jornalísticos, a ocorrência de novas formas escritas para designar novas realidades de gênero sob uma perspectiva psicosociocultural – identidade de gênero–e não gramatical. Não sabemos se as marcas “@”, “x”, ou a inversão: primeiro “a” e só depois “(o)” ficarão ou se outras se manifestarão, mas sabemos que há escolhas ideológicas interferindo numa categoria gramatical que poderá, no futuro, alterar o “jogo de xadrez” da língua portuguesa, no sentido dos valores dos termos linguísticos. E ficará a pergunta: até que ponto cargas ideológicas podem interferir no sistema fechado de uma língua – sua gramática?

Enquanto não temos respostas para a pergunta do parágrafo anterior, cabe ao revisor de textos, por um lado, entender as inovações linguísticas da língua portuguesa e suas relações entre os leitores(as) e escritores(as), por outro lado, compreender a escolha ideológica dos(as) escritores(as) para que seja respeitada a intencionalidade empregada nos textos.

ABSTRACT

This paper aims to present and analyze the new uses of gender marking and its ideological effects in the advertising and journalistic discursive domains, which have become frequent, specially on the internet. In that context, the reviewer is challenged when adapting the text based on the author's objective. To that end, researches were made on social media and online publications, as well as consultations with linguistics, publicity and sociology theoreticians. Knowing these new uses, the reviewer is capable of understanding its context and adequately work with the text.

Keywords: Gender marking. New uses. Advertising and journalistic discursive domains.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENTO, Berenice Alves de Melo. **Reinvenção do corpo: Sexualidade e gênero na experiência transexual**. Tese (Doutorado em Sociologia) Universidade de Brasília, Brasília, 2003.

CABRAL, Guilherme Perez. **Alunxs de saia ou de calça de brim (tanto faz), sejam bem vindxs à escola!** Portal UOL. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/colunas/guilherme-cabral/2016/10/10/alunxs-de-saia-ou-de-calca-de-brim-tanto-faz-sejam-bem-vindxs-a-escola.htm>> Acesso em: 27 out. 2016.

CÂMARA Jr, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

CARVALHO, Nelly. **Publicidade: a linguagem da sedução**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2006.

_____. **O texto publicitário na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2014

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é a Psicóloga Brasileira?** Brasília: CFP, 2013.

_____. Facebook Disponível em: <<https://www.facebook.com/consehofederaldepsicologia/photos/a.199479646750568.49681.186113144753885/1255635807801608/?type=3&theater>> Acesso em: 27 out. 2016.

_____. **RádioPsi**. Disponível em: < <http://site.cfp.org.br/multimedia/radiopsi/>> Acesso em: 26 out. 2016.

COLLISCHONN, Gisela; SCHWINDT, Luiz Carlos. **Por que a distinção entre gênero social e gramatical na língua portuguesa é necessária ao idioma**. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/12/por-que-a-distincao-entre-genero-social-e-gramatical-na-lingua-portuguesa-e-necessaria-ao-idioma-4928930.html>>. Acesso em: 02 mar. 2016.

CONTRA INFO. Disponível em: < <https://pt-contrainfo.espiv.net/2015/01/11/maldonado-uruguai-mural-solidario-com-xs-compas-sequestradxs-pelo-estado-espanhol/>> Acesso em 31 out. 2016.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001. reimp. [2008].

FOSTER, Gustavo. **Cis, trans, pan, intersexual: entenda os termos de identidade e orientação sexual**. Jornal Zero Hora. Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2015/03/cis-trans-pan-intersexual-entenda-os-termos-de-identidade-e-orientacao-sexual-4730566.html> Acesso em 27 out. 2016.

Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://gayseafins.blogfolha.uol.com.br/2016/06/29/bem-vindx/>>. Acesso em: 30 out. 2016.

GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. **Manual para o uso não sexista da linguagem**. 2014. Disponível em: http://www.spm.rs.gov.br/upload/1407514791_Manual%20para%20uso%20n%C3%A3o%20sexista%20da%20linguagem.pdf Acesso em: 24 out. 2016.

JOUTJOUT. **Vamos Contribuir**. Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bcs304dK4ts>> Acesso em: 24 out. 2016.

JUNO. **Deixando o x para trás na linguagem neutra de gênero**. Disponível em: < <https://partidopirata.org/deixando-o-x-para-tras-na-linguagem-neutra-de-genero-por-juno/>> Acesso em 27 out. 2016.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Opera Mundi *in* Revista Fórum. **Suécia cria pronome de gênero neutro, para além do 'ele' e 'ela'**. Disponível em: < <http://www.revistaforum.com.br/2015/03/26/suecia-cria-pronome-de-genero-neutro-para-alem-do-ele-e-ela/>> Acesso em 25 out. 2016

RINCON, Lucia. **Não, a culpa não é nossa**. Portal Vermelho, disponível em: <http://www.vermelho.org.br/noticia/287144-1>> Acesso em 30 out. 2016.